

## ENTRE CIDADE E POESIA: IMAGENS DA CIDADE EM SESMARIA, DE MYRIAM FRAGA

Vilma Santos da Paz<sup>1</sup>

### Resumo:

Esse trabalho tenta compreender como se dá a reconstrução da Cidade através da memória, de sua ficcionalização. Como falar a cidade? Como ser seu leitor, uma espécie de andarilho de seu espaço na memória? A cidade em questão, a antiga Cidade da Bahia, Salvador, reconstituída através da memória, vem à tona no discurso poético de Myriam Fraga, no livro de poemas *Sesmaria*. A Cidade da Bahia, uma fortaleza construída em um passado histórico e rememorada através do discurso poético, convive com um presente de ruínas, sempre sob ameaça do esquecimento. O discurso poético da escritora Myriam Fraga, em *Sesmaria*, lê/escreve a Cidade da Bahia colando a voz do sujeito ao corpo da cidade. A discussão do tema proposto tem como base teórica o livro *Todas as cidades, a cidade*, de Renato Cordeiro Gomes, *Cidade dos Sentidos*, de Eni Orlandi, entre outros textos que dão suporte à pesquisa.

**Palavras-chave:** Cidade, História, Memória.

“Dorme  
O seu sono de pássaro  
Cansado.

Imóvel perfeição  
De ave marinha,  
Sereníssima e exata. (...)”  
(Myriam Fraga)

Para caminhar sobre a cidade há que se deixar caminhar por ela. Uma cidade é uma espécie de labirinto no qual se encontram várias construções/representações desta, feitas a partir da subjetividade dos sujeitos que por suas vias conhecem e desconhecem caminhos. Uma cidade é construída a partir do olhar e da relação dos sujeitos com o seu espaço. Renato Cordeiro Gomes nos lembra que não há como sair desse labirinto, ao cruzar seus limites/fronteiras sempre se cai em outra cidade. Cidades são como labirintos de gente e de vias escorrendo para todos os lados, são construções históricas e imaginadas. “A cidade é produto da “arte humana”, simboliza o poder criador do

---

<sup>1</sup> Mestranda, pela Faculdade de letras da UFBA. Vilmapax@yahoo.com.br.



homem, a modificação/transformação do meio ambiente, a imagem de algo artificial, de um artefato enfim.” (BRESCIANI, 1997. p. 13).

Definir a cidade da qual fala a poesia de Myriam Fraga, no livro *Sesmaria*, é como ler uma fotografia da cidade do Salvador, fotografia particular, feita a partir do olhar da escritora. Esta é inscrita por signos femininos, uma cidade tão particular quanto àquela que cada sujeito tem a partir de sua experiência cidadina, de sua vivência sobre seu espaço. Uma cidade imaginada, feita da experiência, e, também, do discurso literário, da poesia de Myriam Fraga, que alinhava em si o discurso histórico. Também por isto não se trata de uma cidade previsível, seu signo é o mistério.

Descrever uma cidade é perder-se nela, pois não há como dar conta desse objeto múltiplo. Quando Marco Pólo, personagem de Ítalo Calvino, em *As cidades Invisíveis*, descrevia as cidades para o imperador Kublai Klan, construía seus relatos através de um olhar atravessado por sua experiência de cidadão, particularizada por sua subjetividade. Essa experiência estava intensamente ligada a sua Veneza, uma cidade subjetiva, interior, construída, também, pelo seu imaginário. Era a partir de sua Veneza que seu olhar apreendia outra cidade. Dessa forma, seu relato nunca poderia dar conta do ato de descrever as cidades encontradas, nem mesmo de sua cidade interior. É através do olhar que o sujeito cidadão lê/representa o espaço urbano, através desse mesmo olhar, esse sujeito percebe-se perdido no emaranhado das vias, linhas e caminhos.

Para realizar o conhecimento da cidade do presente, ou de sua representação, no livro de poemas *Sesmaria*, o sujeito lírico vai de encontro a uma outra, perdida no tempo passado, inscrita em dados da história que unem o imaginário cidadão ao imaginário nacional. A busca do encontro é a busca do conhecimento de outra cidade, mas também parte de uma experiência cidadina, de uma cidade interiorizada.

Ninguém poderá conhecer uma cidade se não a souber interrogar, interrogando-se a si mesmo. Ou seja, se não tentar por conta própria os acasos que a tornam imprevisível e lhe dão o mistério da unidade mais dela. (PIRES apud MARGATO, 1999, p.39)

O encontro/conhecimento se dá na interação entre sujeito e cidade. Nessa interação um é parte do outro, não se desvinculam. Está embutido neste tipo de leitura o sentimento de pertença que envolve o sujeito e a leitura/construção do seu local.

Pertencer, porém, nem sempre se traduz em conhecimento, é preciso investigar a cidade, até mesmo através de dados construídos como históricos. O encontro/conhecimento da antiga Cidade da Bahia, em *Sesmaria*, poderá ser realizado a partir, também, do desconhecimento dos caminhos, do ato de tateá-la no escuro, buscando entender como se dá a construção/representação do seu imaginário no presente.

Se as cidades são representações e enigmas inscritos pelos sujeitos que a constroem enquanto realidade, não há como lê através dessas vozes uma única cidade. A cidade é múltipla como o corpo dos sujeitos que a transitam. As suas formas de representação são redes construídas pelo imaginário urbano. Nesta rede há o entrelaçamento do discurso histórico demarcando-lhe uma origem. Segundo Maria Stella Bresciane:

“A cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada.” (BRESCIANE, 1997. p.13-20)

Mesmo o discurso histórico, retomado para dar voz à cidade particular, participa também deste viés da ficção. Não se trata de reconstrução do discurso oficial, mas de tomar posse de dados ou fatos históricos, relendo-os a partir da imaginação e da rememoração, através da poesia de Myriam Fraga. Como sabemos, na construção do imaginário citadino, entra também a construção do discurso histórico, é preciso dar-lhe uma origem, construir-lhe um passado, uma história. (PECHMAN, 1999).

A primeira publicação do livro em estudo é datada do ano de 1969, é no contexto da ditadura militar que a escritora Myriam Fraga tenta descrever a sua cidade do Salvador, recuando a um passado histórico. Esse passado perpassa desde a fundação da cidade, no século XVI, à Invasão Holandesa, século XVII, até a sua atualização no presente. O livro é dividido em quatro partes de subtítulos *A cidade*, *Os fantasmas*, *Os naufrágios* e *Os invasores*, que perfazem a história da Bahia, pondo em diálogo a cidade do presente e a Cidade antiga da Bahia. Neste estudo foi dado privilégio à subparte, *A cidade*, que demarca a sua fundação enquanto cidade fortaleza.

O livro *Sesmaria* dialoga com o discurso histórico a partir do próprio título, retomando a concessão de terras pelos donatários aos colonos. Segundo Tavares, pela

lei portuguesa, todo e qualquer cristão podia requerer sesmaria, contanto que as terras estivessem desocupadas, que fossem conquistadas em guerra contra os índios, ou quando já possuíam a algum “antepassado requerente”. Definindo a lei de sesmaria, Luís Henrique Tavares nos diz que:

“Sesmaria é velha forma de ocupar e fazer produzir a terra. (...) No caso das terras do Brasil, a realização deste objetivo encontrou sérias dificuldades, por causa das enormes extensões territoriais, a respeito das quais nada sabiam os órgãos da Coroa que tinham concessão de sesmarias.” (TAVARES, 1974, p.66-67.)

O título do livro dá a impressão do desgoverno, ou melhor, da dificuldade dos indivíduos administrarem a própria vida, a vida social na cidade. Mas esta leitura só pode ser realizada, pensando a ditadura como uma desordem do Estado de direito, ou seja, pensando o contexto no qual é publicado o livro. Pensando nas grandes concessões de terra que ficavam, na época das sesmarias, nas mãos de alguns, que nada faziam para tornar a terra produtiva, chegamos à conclusão que eram também grandes poderes nas mãos, às vezes de um único colono (e apenas colonos), que ditava as leis, bem distante das ordens da Coroa Portuguesa. A leitura permite pensar nas privações e limitações do contexto ditatorial, no qual o poder do Estado caça e limita os direitos do indivíduo.

A data de edificação da cidade do Salvador tem como marco a chegada de Tomé de Sousa em 29 de abril de 1549, convencionou-se esta data como marco de sua construção, segundo Tavares. Esta cidade foi erguida, segundo o historiador, como uma cidade fortaleza, nos moldes das cidades medievais, mas precisamente, a Lisboa portuguesa, com ruas estreitas e longitudinais. Nas palavras do padre Manuel da Nóbrega “(...) a nova cidade do Salvador se fez em muito bom sítio sobre o mar, toda cercada de água ao redor da cerca, e com muitas outras fontes de parte do mar e da terra. (NOBREGA apud TAVARES, p. 101). Nascida em dupla condição de fortaleza, tanto no que tange a sua condição de entreposto comercial, quanto em ser o centro administrativo do poder colonial.

A Cidade da Bahia representada em *Sesmaria* é também erguida através de uma imagem feminina, colada a uma pele marinha, o mar é parte da natureza dessa cidade fortaleza. No poema *A cidade*, o próprio ritmo criado pelas sibilantes dá a sensação de ritmo marinho ao poema. A imagem da cidade parece se erguer do mar no qual foi

plantada. As imagens presentes no poema mostram uma cidade representada pelo signo feminino e pela sensualidade.

“A cidade

Foi plantada no mar  
E entre corais se levanta  
O salitre é seu ar,  
Sua coroa, sua trança  
De salsugem,  
Seu vestido de ametista,  
Seu manto de sal  
E musgo.

Armada em firme silêncio  
Dependura-se dos montes  
E tão precário equilíbrio  
Se propõe  
Que, além de porta ou portada  
De janela ou de horizonte  
O que a sustenta é o mistério,  
Triste chão, sombra vazia,  
Tempo escorrendo das pedras,  
Lacerando nas esquinas,  
Tempo — sudário e guia. (...)

E nesta coreografia,  
Sopro de antigas paisagens,  
Um calendário se arrasta  
Nas corroídas legendas  
Apodrecidas fachadas,  
A mastigar as divisas  
E outros símbolos manchados,  
Nos brasões onde goteja  
O limo do esquecimento. (...)”  
(FRAGA, 2008. p.49-50)

A cidade plantada em mar espreita o caminhante, assim como o caminhante a espreita, tentando apreendê-la, conhecer caminhos feitos de poesia e história, caminhos que perfazem uma construção de cal, letras, desejos e sonhos. *O salitre é seu ar*, é seu tempo que corrói tudo, estradas, vida e até memória, descrita em esquecimento. Seu mistério é o que a sustenta, é o que escorre das pedras, se desfaz em liquidez, seu mistério está contido, nas palavras de Fraga, nesse chão triste, nesta sombra vazia,

lembrando os versos de Gregório de Matos — “Triste Bahia! Oh quão dessemelhante / Estás, e estou do nosso antigo estado!”.

A imagem da cidade fortaleza é sugerida pelos versos “Foi plantada no mar (...) / Armada em firme silêncio / Dependura-se dos montes (...) / Espreitando entre torres”. Mas esta fortaleza está erguida, em seu presente, em *equilíbrio precário*. A representação da cidade como fortaleza construída em um passado histórico e rememorada através do discurso poético, convive com um presente de ruínas, sempre sob ameaça do esquecimento: “sopro de antigas paisagens (...) / Apodrecidas fachadas (...) / Nos brasões onde goteja / O limo do esquecimento. (...)”.

A cidade fortaleza não se sustenta em seu presente, se é que essa imagem pôde ser sustentada no passado. O esquecimento também faz parte do seu tecido citadino, afinal nas redes de representações da cidade, as imagens estão sempre sendo remodeladas, sobrepostas como um palimpsesto.

O discurso poético da escritora Myriam Fraga, em *Sesmaria*, lê/escreve a Cidade da Bahia colando a voz do sujeito ao corpo citadino, relendo as pegadas, os vestígios da cidade antiga e do presente. Uma imagem que não se perde, não completamente, uma vez que esta aparece registrada em ruínas, em calçadas, no “sopro de antigas paisagens” e “outros símbolos manchados”, usando a expressão do poema. Ecléa Bosi afirma que: “As pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória”, diz ainda que: “À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo” (BOSI, 2004. P.444-452). Recriando constantemente a própria imagem, a cidade sempre está em constante reinvenção como os próprios sujeitos que partilham do seu espaço e que a constroem.

A representação da Cidade da Bahia, Salvador, mapeada no livro estudado, configura-se como um signo incômodo, que vive nas letras e na memória, pertencente a um passado e perdido no tempo presente. Trata-se de uma imagem recorrente na literatura baiana, signo incômodo que se inscreve e é inscrito em um presente sempre em confronto com seu passado histórico. O desconforto, no caso do livro *Sesmaria*, também está representado no recuo no tempo, ou melhor, a retomada de um outro tempo, da antiga Cidade da Bahia, denota um descontentamento com o presente no qual está inserido o sujeito enunciador dos poemas. Se o imaginário da cidade, no caso Salvador, se confunde, por vezes, com o imaginário de nação, nos perguntamos, até que ponto, o recuo no tempo, dado no livro em questão, ao passado histórico, não acaba denotando o próprio descontentamento com os caminhos do próprio país mergulhado na

ditadura militar, uma vez que a primeira publicação do livro é de 1969, período crítico da ditadura militar no Brasil.

A representação da cidade do presente colada à sua representação histórica é contínua, como no poema *Farol*:

Farol

Na Ponta do Padrão  
Dois olhos cegos  
De desespero acendem  
Todo mar.

Carapaça ou atol  
Entre ventos  
E a espuma  
Te ergues, marinha  
Fortaleza,  
Guardiã de navios.

Semideus ou tritão  
Ou fállica escultura  
Te embebedas de azul,  
Olho duro de escamas.

Cristalizas o tempo  
E na pétrea carnadura  
Inscreves teu ciclo:  
Calendário e mandala.  
(FRAGA, 2008.p.56)

Outra vez nos deparamos com a representação da cidade, com os vestígios de seu passado histórico. O poema traz a imagem da antiga Capitania da Bahia, doada a Francisco Pereira Coutinho, em 27 de maio de 1530. Esta era formada por 50 léguas de terra entre a margem direita do Rio São Francisco e a Ponta do Padrão (atualmente Forte e Farol da Barra). O Forte está no próprio título, uma leitura distraída, não daria conta desses vestígios ou pistas que o poema nos dá. A leitura da cidade de hoje, sem estar ligada aos índices históricos de seu passado, passaria longe da referência *Ponta do Padrão*. Referência esta que atualiza dados da representação histórica da cidade do Salvador.

“Os dois olhos cegos de desespero que acendem todo mar” é a representação do próprio Farol da Barra, como se este fosse personificado como os olhos da cidade, lendo-a também como personificada como uma espécie de semideus/deusa. Neste poema também há a imagem da cidade fortaleza, na qual o farol serve como uma espécie de instrumento de vigilância. Seu corpo é descrito como marinho. O mar está em sua pele, como podemos perceber nas palavras carapaça, coral, atol, escamas.

A cidade é descrita sob a união dos signos masculinos e femininos, erotizada através dos elementos marinhos. É a guardiã dos navios. A guardiã dos navios é colada ao tritão, aquele que acalma as águas, a guardiã dos navios é aquela que deseja cristalizar o tempo e inscrever o próprio ciclo: *calendário e mandala*. A guardiã é aquela que deseja possuir o controle e a harmonia entre seu espaço e tempo.

## CONCLUSÃO

As imagens da cidade, presentes na lírica de Myriam Fraga, são também lidas na esfera da representação do seu passado histórico, muitas vezes, colado ao imaginário nacional. A leitura das imagens da cidade, presentes no livro em estudo, é realizada como uma espécie de percurso fotográfico, feito a partir do olhar, que busca apreender vestígios da cidade antiga deixados na Salvador do presente.

É através do olhar do sujeito enunciador que, muitas vezes, nos poemas de Fraga, veste o corpo da cidade como sua própria personificação, que nos deparamos com uma imagem do espaço citadino também como representação histórica.



## REFEÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: (Org.) SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jutahy. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1997. P. 13-20.
- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FRAGA, Myriam Sesmaria In: **Poesia reunida**. Salvador: Academia de letras da Bahia, 2008.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MARGATO, Izabel. “A primeira vista é para cegos”. In: In: **Semear**. Revista da Cátedra Padre António Vieira. Rio de Janeiro, n. 3, 1999.p. 37-52.
- MATOS, Gregório de. **À Cidade da Bahia**. Disponível em: [www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/gregorio-de.../obras-poeticas-1.php](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/gregorio-de.../obras-poeticas-1.php). Acesso em 16 de agosto de 2009.
- ORLANDI, P. Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- PECHMAN, Robert M.. Pedra e discurso: Cidade, História e Literatura. In: **Semear**. Revista da Cátedra Padre António Vieira. Rio de Janeiro, n. 3, 1999. P. 3-72.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador. BA:Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.